

Associação Espaço Jovem – Um testemunho **'A Space for Young People' Association – A testimony**

Alcides Mendes*

Nasci em Luanda, a 5 de Janeiro de 1971, no bairro do Sambizanga (Bairro da Lixeira, Largo do Bota Fogo). Os meus pais, Nicolau Mendes e Luísa da Moura são ambos cabo-verdianos. Em Angola estudei na Escola 235 no Sambizanga até à quarta classe e depois completei o quinto ano na Escola 1º de Maio.

Comecei a ajudar os meus pais muito cedo. Com 14 anos já tinha de dar de comer aos animais e limpar os currais. Ajudava, também, a minha mãe a vender no mercado. Levantava-me às 6 horas da manhã para ir para a fila comprar pão e quando íamos fazer as compras no supermercado tinha de levantar-me às 3 da manhã para poder ter lugar na fila para comprar arroz, óleo e outros bens, que por vezes nem se conseguiam arranjar. Em Angola era preciso acordar cedo para tudo.

Fazia parte dos grupos de jovens da Igreja de São José e, embora vivesse numa zona muito difícil, já organizava torneios. Quando fiz 18 anos resolvi ir trabalhar para poder ganhar algum dinheiro. A escola ficava muito longe da minha casa e não tínhamos transporte, por isso fazíamos o caminho a pé, que era mais ou menos como ir de Queluz ao Rossio. Decidi ir trabalhar para a construção civil, que na altura era o único trabalho onde se ganhava bem. Durante dois anos trabalhei numa empresa de construção civil e numa empresa de construção técnica. Aos 19 anos, resolvi vir viver para Portugal para melhorar a vida.

Sou neste momento Presidente da Associação Espaço Jovem, associação que fundei com mais três jovens do Bairro de Santa Filomena, na Amadora.

Cheguei a Portugal nos anos 90 do século passado, vindo de Angola. Quando cheguei fiquei logo decepcionado com o que vi em Portugal e com o racismo camuflado que existia neste país.

Fui então viver para o Bairro de Santa Filomena e passados 10 dias já estava a trabalhar nas obras. Não tinha outra alternativa, era preciso pagar a renda e a comida. No início foi muito difícil, tinha de acordar às 6 da manhã para apanhar o comboio e chegar a horas ao emprego. Para trabalhar nas obras é preciso ter muita visão porque os portugueses tentam sempre dar os trabalhos mais pesados e mais sujos aos africanos.

Inicialmente, tive de fazer o que me mandavam, mas passados 4 meses já não aceitava fazer o trabalho que os próprios portugueses se recusavam a fazer, por isso tive que mudar muitas vezes de emprego. Na altura era servente, mas aprendi muito

* Presidente da Associação Espaço Jovem, Bairro de Santa Filomena, Amadora/ President of 'A Space for Young People' Association, Santa Filomena Neighbourhood, Amadora.

rapidamente, caso contrário tinha que estar sujeito a pegar na pá e na picareta e a ser injuriado. Foi então que passei a trabalhar como ladrilhador. Aí as coisas melhoraram quer no relacionamento com os outros colegas quer no vencimento.

Na aquela altura os patrões não descontavam para a Segurança Social nem havia seguro e trabalhávamos como clandestinos, sem documentos. Como estava a trabalhar tentei legalizar-me. Perguntei o que tinha de fazer e foi-me apresentada uma advogada, que me pediu os documentos necessários e mais o pagamento de 250 euros. Como precisava dos documentos paguei o que me foi pedido, tendo sido informado que dentro de um a dois meses teria a minha situação regularizada. Fiquei à espera e sempre que lhe perguntava pelos documentos dizia-me que era preciso mais dinheiro ou então que a documentação estava a chegar. Entretanto, passou-se um ano e eu já tinha gasto 1000 euros com a advogada e ainda continuava sem os documentos. Foi então que decidi ir pessoalmente ao SEF tratar da minha situação. Aí fui informado que não havia nenhum processo a decorrer em meu nome. Eu nem queria acreditar no que se estava a passar. Tentei em vão entrar em contacto com a advogada. Por fim consegui encontrá-la, na casa da mãe dela, e foi preciso ter muita calma para suportar tudo aquilo. Por fim lá consegui que ela me desse os documentos, mas perdi todo o dinheiro que lhe tinha dado. Então decidi eu mesmo tratar do meu processo, e quando abriu em 1992 o processo de legalização consegui finalmente legalizar-me.

A partir de então comecei a participar nas reuniões das associações de imigrantes e fiquei a saber como lidar com estas situações. Fui, também, convidado pelo Michel, um suíço, que trabalhava na Associação Mãos Unidas para o ajudar na associação. Organizei equipas de futebol de ambos os sexos, grupos de dança e uma colónia de férias para as crianças. Vinha do trabalho e ia treinar quer as meninas quer os rapazes e, aos fins-de-semana, realizávamos jogos com equipas de outros bairros e convivíamos saudavelmente. Contudo, deparávamo-nos com um grave problema, a associação não tinha verba para pagar os transportes das crianças, pelo que tinha de ser eu ou o Michel a pagar as passagens.

Formámos, ainda, grupos de dança e comecei a trabalhar, como voluntário, na associação. Entre 1994 e 1995 integrei um projecto de luta contra pobreza. O projecto trouxe alguma esperança porque havia dinheiro para financiar as actividades e, desta maneira, conseguíamos desviar os jovens dos problemas, que todos nós sabemos que existem nos bairros. Os funcionários da Câmara, da Junta de Freguesia e da Segurança Social eram os técnicos responsáveis e os técnicos monitores das associações faziam os trabalhos que eles propunham. O problema é que este projecto não veio resolver a situação de pobreza do bairro. Foi um engano para os moradores e para os jovens, e o financiamento atribuído ao projecto acabou por ser utilizado pela Câmara para outros fins.

Passados um ou dois anos, já não me lembro bem, o projecto acabou, e tudo voltou à estaca zero. Entretanto, a associação Mãos Unidas decidiu acabar com o grupo de jovens, que deixaram de ter ocupação e ficaram “ao Deus dará”. Ainda tentei fazer alguma coisa só que eu também não podia estar a gastar o meu ordenado para pagar

bilhetes e lanches. Além disso, tinha que governar a minha vida e ainda mandar dinheiro para a terra. Assim ficámos sem actividades durante quase um ano.

Então eu e mais três jovens, o Hugo, o Márcio e o Pilogue, decidimos formar uma outra associação no bairro. E, mais uma vez, nos confrontámos com o problema da falta de dinheiro, pois para constituir uma associação era preciso dinheiro para pagar o notário e para as escrituras. Fomos pedir à Junta de Freguesia, mas fomos informados que só poderíamos ter algum apoio depois de termos a escritura feita. Batemos a várias portas e nada conseguíamos. Os outros jovens já estavam cansados de ouvir não, mas eu como tinha mais esperança fui ter com uma amiga médica, que na altura era presidente duma associação, e que trabalhava no Hospital São Francisco Xavier. Falei com ela sobre o problema que estávamos a passar e ela dispôs-se a ajudar a pagar metade do valor e eu decidi contribuir com a outra metade, tirando do meu ordenado de ladrilhador. Finalmente conseguimos resolver a situação.

Depois deparámo-nos com a falta de espaço para realizar as actividades da associação. Com muita luta e insistência conseguimos arranjar uma sede dentro do bairro, que era uma casa de uma família que ia ser realojada. Fomos à Câmara pedir que nos cedesse o espaço, mas vimos o nosso pedido recusado, pois a casa iria ser demolida. Foi aí que eu e alguns moradores resolvemos, à revelia da Câmara ocupar a casa. Começamos a fazer obras com o pouco que eu tinha, mas cada um fazia o que sabia. Entretanto, os senhores mais velhos do bairro começaram a aparecer e a ajudar a fazer aquilo que hoje é a Associação Espaço Jovem de Santa Filomena.

Desde então começámos a participar nas reuniões das associações de imigrantes e a procurar apoios, o que não foi fácil porque as associações mais antigas utilizam as mais pequenas. Deixei de ter fins-de-semana, pois tinha que participar nas reuniões das outras associações para me inteirar do funcionamento destas. Antigamente era muito difícil conseguir apoios sem ser em parceria com as associações mais antigas.

Batalhámos muito e, por fim, um grupo de uma associação de imigrantes mais antiga propôs-nos um projecto que tinha a ver com a rede digital, convidando-nos para sermos parceiros, a que nós aceitámos de imediato. O projecto permitia a aquisição de quatro computadores, a contratação de um técnico de informática, bem como material de escritório. Chamei os outros membros da associação e, muito feliz, mostrei o projecto e todos ficaram muito contentes. Contudo, chegada a altura de iniciar o projecto, os jovens vieram ter comigo e perguntavam-me pelo Projecto e eu já nada tinha para lhes dizer, pois não havia confirmação por parte da associação que coordenava o projecto. Mais uma vez, os jovens ficaram decepcionados. De facto, este projecto Rede Digital só beneficiou as ditas associações coordenadoras.

Entretanto, realizou-se uma reunião no Cinema Roma para apresentação de um projecto sobre o problema da delinquência juvenil e do abandono escolar: Programa Escolhas. Durante o debate e na apresentação do projecto constatei que o Bairro de Santa Filomena não iria fazer parte do projecto. Por outro lado, a Buraca (Bairro do Alto da Cova da Moura), mais uma vez, tinha sido o bairro da Amadora que iria integrar o projecto. Perante isto, pedi a palavra e perguntei por que razão é que todos os projectos vão para

a Buraca e por que é que nós que nos confrontamos com o mesmo problema não somos beneficiários deste tipo de projectos. O responsável pelo projecto perguntou-me onde fica o Bairro de Santa Filomena, ao que lhe respondi que o bairro fica na Amadora e que tem os mesmos problemas da Cova da Moura. Disse-lhe, também, que não tínhamos nenhuns projectos no bairro para apoiar os jovens e que este projecto fazia muita falta.

Na sequência desse debate ficou combinado que os técnicos iriam visitar o bairro e ver as necessidades existentes, de modo a poder incluir o Bairro de Santa Filomena no Programa Escolhas. Passados uns meses, quando já pensava que íamos, mais uma vez, ficar de fora deste importante projecto, recebemos a visita de alguns técnicos do programa de intervenção, que visitaram o bairro e que contactaram directamente com a realidade local. Foi então decidido que o bairro iria integrar o Programa Escolhas, que tanto veio ajudar os jovens e as crianças. Com o Programa Escolhas conseguimos, em conjunto com os outros parceiros, como é o caso da escola, resolver muitos problemas que antes eram incontornáveis.

Muitas pessoas que não vivem neste bairro e não convivem com estes moradores não sabem as dificuldades que é trabalhar sem meios e ter sempre que fazer ou dizer algo a esta gente que vive com muita dificuldade.

Como Presidente desta associação, que inicialmente se constituiu como uma associação juvenil, temos feito tudo o que é necessário para ajudar todos os que residem no bairro. Trabalhei durante estes últimos cinco anos no Programa Escolhas como mediador e vi que é possível resolver os problemas que existem neste bairro. Para isso é preciso que os projectos a implementar no bairro tenham técnicos com vontade de ajudar a resolver os problemas, devendo sempre que possível incluir os jovens do bairro nos projectos. Na Amadora éramos o único bairro que tinha só um projecto a funcionar.

Enquanto não se agarrar o problema do bairro pela raiz nenhum projecto vai conseguir acabar com a delinquência juvenil e com o abandono escolar. Bem sei que não é fácil mas também sei que não é impossível. É preciso pegar na raiz e não nos troncos. É preciso vontade. Basta um gesto para ajudar estas crianças e jovens deste bairro.

Juntos podemos!